

## **Geledés e Mulheres Negras: Novas Perspectivas Discursivas frente às Identidades Sociais<sup>1</sup>**

Anauara da Cruz VIEIRA<sup>2</sup>  
Flávia Martins dos SANTOS<sup>3</sup>  
Mayllon Lyggon de Sousa OLIVEIRA<sup>4</sup>  
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

### **Resumo**

Esta pesquisa buscou analisar as práticas discursivas promovidas pelo website Geledés e a sua relação com a construção e desconstrução de identidades sociais de mulheres negras. A análise possuiu caráter qualitativo e teve como base teórica e metodológica as perspectivas socioconstrucionista e feminista negra. Além disso, também contou com o método das Práticas Discursivas e Produção de Sentidos, que propiciou a investigação dos dez artigos previamente selecionados. A partir disso, notou-se que as práticas do Geledés são construídas por meio de elementos discursivos que buscam contemplar a vivência, a voz e o protagonismo de mulheres negras frente a temáticas que envolvem a sua própria existência e narrativa. Dessa forma, o website é um importante promotor de sentidos sociais que operam contra o racismo e o machismo que ainda se fazem presentes na sociedade brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** mulheres negras; práticas discursivas; Geledés; identidades sociais.

### **Introdução**

A mídia é um elemento social que constantemente é alvo de estudos acadêmicos, principalmente, devido aos seus diferentes aspectos e atuações sociais. Entre elas, e em consonância com a perspectiva que perpassa toda essa pesquisa, o que se destaca são os seus efeitos sobre a construção de identidades sociais. Por muito tempo, o conhecimento a respeito de determinadas identidades tem sido apresentado às pessoas sob a forma da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ06 – Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Relações Públicas da FIC-UFG, e-mail: [anauara85@gmail.com](mailto:anauara85@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FIC/UFG. Professora Adjunta do curso de Relações Públicas da FIC/UFG. E-mail: [flaviamartins21@gmail.com](mailto:flaviamartins21@gmail.com).

<sup>4</sup> Co-orientador do trabalho. Doutorando e Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FIC/UFG. Professor nos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Faculdade Sul-Americana. E-mail: [mayllon.lyggon@gmail.com](mailto:mayllon.lyggon@gmail.com).

---

representação midiática. E a representação de realidades, especialmente pelas mídias tradicionais, muitas vezes se ampara na generalização de características identitárias como se fossem comuns a todo um grupo de pessoas. Segundo Gonzales (1984), no que tange às mulheres negras, ainda subsistem marcações identitárias envoltas na lógica do racismo e do sexismo, o que marca o processo interseccional e consubstancial dessas identidades (CRENSHAW, 2003; KERGOAT, 2010) e que detém influências sobre as produções midiáticas.

Consideradas as transformações instauradas pelas novas tecnologias de informação e comunicação, as mídias digitais, como websites, blogs, redes sociais on-line, ampliam o número e os tipos de emissores e receptores, fazendo com que diferentes pessoas ou grupos possam tanto receber informações quanto emití-las, inaugurando uma “sociedade em rede” (CASTELLS, 2005). Nesse contexto, diversos movimentos sociais e identitários têm se valido do ambiente digital para questionar identidades impostas e propor novas reflexões sobre diferenças e processos de identificação, por meio da difusão de novas práticas discursivas. Estas se configuram por ser a linguagem em ação, os modos a partir dos quais as pessoas e instituições produzem sentido e se posicionam socialmente (SPINK, 2010).

Esta pesquisa buscou analisar, tendo como base a perspectiva construcionista (MÉLLO, 2007), as práticas discursivas de uma das organizações que se dedicam a abordar e promover novos sentidos em relação a identidade de mulheres negras, o website Geledés – Instituto da Mulher Negra. Ele se propõe a oferecer novas possibilidades de conteúdo e espaço de fala para os grupos sociais historicamente invisibilizados pelas narrativas midiáticas tradicionais. Para o decorrer da análise das práticas discursivas, foi traçado o objetivo de identificar as suas características principais, assim como a sua relação com a construção e desconstrução de identidades sociais de mulheres negras. Que foi sucedido do intuito de identificar, também, os sentidos relativos a este grupo social que circulam nas produções midiáticas do website e quais desses sentidos se procura combater. Além disso, foi priorizado compreender o modo como o público leitor interage com os artigos por meio dos comentários.

## **Construcionismo social, práticas discursivas e produções midiáticas**

Para a construção argumentativa e teórica da pesquisa foi necessário trilhar uma discussão em torno do construcionismo social e a importância da linguagem, assim como das relações de poder que ela constrói e participa por meio dos discursos (MÉLLO, et al, 2007).

De acordo com Ricardo Mélo (2007), o construcionismo social é um movimento intelectual e social responsável pelo surgimento de diversas reflexões e apontamentos contrários à ideia de que a linguagem conseguiria refletir fielmente uma realidade e de que existiria uma essência natural dos elementos que compõem uma sociedade. Pois considera que as pessoas, o conhecimento e o mundo são construídos a partir da prática social. Na perspectiva construcionista, a linguagem deixa de ser algo capaz apenas de expressar e nomear o mundo, para se tornar algo capaz de criar e moldar acontecimentos e realidades, denotando assim o seu caráter performativo.

Nesse contexto, surge o que entendemos por práticas discursivas, elementos que carregam consigo um viés de resignificação, possibilitando às pessoas novas formas de compreender e dar sentido ao mundo ao seu redor (SPINK; MEDRADO, 2013). Podemos definir, assim, práticas discursivas como a linguagem em ação, ou seja, as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas (SPINK; MEDRADO, 2013). Estas práticas são compostas por elementos que possibilitam que ela tenha um caráter menos fixo do que os discursos propriamente ditos, são eles: os gêneros de fala, os enunciados, as vozes e os conteúdos.

As práticas discursivas também possuem a sua dimensão cultural, que é responsável por validar e perpassar sentidos de geração para geração. E isto é realizado por meio de ferramentas e sistemas capazes de fazer esses sentidos circularem entre as pessoas. Os que se destacam entre eles e que também é o grande foco desta pesquisa, são os meios de comunicação ou, melhor dizendo, tipos de mídia (SANTOS, 2019). Sobretudo porque incorporam momentos de interação entre as pessoas, exercendo um papel de mediação.

Nesse contexto, de acordo com Medrado (2013), é importante salientarmos duas perspectivas centrais sobre mídia: primeiro, que ela possui uma dimensão simbólica que

---

é constituída, reproduzida, armazenada e movimentada por produções repletas de significados para quem as idealizou, produziu e também para quem a recebeu; segundo, que a mídia também abarca uma dimensão temporal, ou seja, seus produtos são lidos como acontecimentos sociais, com características, contextos e propriedades capazes de interferir socialmente. Como, por exemplo, os textos jornalísticos, blogs e textos científicos. Desse modo, a mídia é um fator extremamente importante para circulação de repertórios e sentidos, da mesma forma que é importante para o surgimento de novas possibilidades de interpretação de questões sociais.

Para a autora Rosselane Liz Giordani (2011), os meios de comunicação tradicionais exercem seu poder “através da capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos agentes sociais, bem como produzir eventos por meio da produção e da transmissão de formas simbólicas” (GIORDANI, 2011, p. 11). Além disso, vale ressaltar que tal simbologia está completamente relacionada e direcionada a linguagem, o discurso e as práticas discursivas. Com isso, percebemos que suas estruturas são consideravelmente rígidas e dominantes diante dos sujeitos sociais, mas podem ser modificadas ao longo do tempo e através de mecanismos específicos.

Nesse sentido, apesar do amplo alcance ser característico das produções midiáticas tradicionais, as mídias alternativas (PERUZZO, 2006) ganharam muito destaque em termos de alcance, mobilização, disseminação de sentidos e repertórios, e impacto na sociedade. Principalmente, por ser entendida como uma resposta as relações de dominação que existem dentro do âmbito comunicacional, pois sabe-se que as práticas discursivas promovidas pela grande mídia tradicional são afetadas pelos interesses sociais, econômicos e políticos que buscam deixar fixas e estáveis as relações de poder existentes dentro de uma sociedade. Dessa forma mídias alternativas, como o website Geledés, buscaram promover e contemplar, principalmente através do digital, a vivência, a identidade, anseios e prerrogativas de diferentes pessoas e grupos sociais existentes.

---

## **Mulheres negras: interseccionalidade, identidade e estigmas da mídia tradicional**

Antes de adentrarmos a análise discursiva propriamente dita dos conteúdos promovidos pelo Geledés, também foi necessário tecer uma discussão referente aos conceitos e imbricações dos marcadores sociais (raça e gênero) que fazem com que as mulheres negras, recortes centrais dessa pesquisa, sofram de maneira simultânea e interseccional (CRENSHAW, 2003), as discriminações raciais e de gênero. Inclusive através da mídia tradicional, que ainda faz circular sentidos estereotipados e negativos em relação à sua identidade.

De acordo com Piscitelli (2002) o conceito de gênero surgiu a partir dos estudos que buscavam compreender o patriarcado e as relações que dele se estabelecia, tendo como foco central a vivência social das mulheres e a diferenciação entre sexo/gênero. Que a partir da década de 1970 começou a ser um alvo significativo de extensas contribuições teóricas. Sendo assim, ao trabalhar o conceito de gênero, Piscitelli (2000) apesar de expor críticas aos pensamentos de Butler (2000), dialoga com ela ao apontar uma definição desta categoria. Segundo a autora, o gênero não deve ser entendido como um conjunto de significados que são inscritos culturalmente sobre o sexo, mas como “o aparelho de produção, o meio discursivo/cultural através do qual a natureza sexuada, ou o sexo ‘natural’ são produzidos e estabelecidos como pré-discursivos” (PISCITELLI, 2002, p. 27).

Nesse sentido, para definir e discutir gênero é preciso levar em consideração as relações de poder que resultam na concepção de um sexo pré-discursivo e compreender de qual modo ele, de fato, se manifesta sob os corpos. Em outras palavras, portanto, o gênero pode ser definido como um conjunto de atos, estilizados e padronizados, que estão condicionado à um marco regulador. Composto por diversas forças e instituições que se dedicam a reiterá-los sempre.

Nesse contexto, também cabe pontuar que no Brasil, o marcador raça sempre foi um fator atuante para determinação das estruturas e lógicas que permeiam a sociedade e o imaginário da população. De acordo com o autor Abdias do Nascimento (2016), a escravidão no país foi quem definiu as relações de poder, extensão e intensidade que influenciaram na construção histórica, cultural, política e, sobretudo, desigual entre os grupos étnicos aqui existentes. Sendo assim, a partir das imposições colonialistas e

---

imperialistas, se estabeleceu um sistema institucional racista no qual predomina a discriminação de pessoas não-brancas (NASCIMENTO, 2016). Sobretudo, diante das mulheres negras.

Nas primeiras correntes feministas, essa interseccionalidade presente na vivência social de mulheres negras não foi devidamente contemplada. Pois, devido uma série de fatores, as reflexões e perspectivas se concentravam na realidade de mulheres tidas como brancas, intelectuais e de classe média (PISCITELLI, 2002). O que, posteriormente, viria ser alvo de diversas críticas que possibilitaram a formulação de novos pontos de vistas em relação a luta das mulheres e entre eles estava presente o feminismo negro. Este movimento busca lutar, refletir e analisar as opressões de gênero e raça que as mulheres negras sofrem cotidianamente. Em outras palavras, “o feminismo negro foi definido como um movimento de lógica política para combater as múltiplas e simultâneas opressões a todas as mulheres negras” (LEMOS, 2016, p. 17).

Dessa forma, ainda hoje, a vivência social de mulheres negras no Brasil é pautada sobre os estigmas do racismo e sexismo, presentes e completamente atuante na sociedade. De acordo com Lélia Gonzales (1984), predominam no contexto social percepções identitárias ligadas às mulheres negras que possuem raízes no período escravocrata, especialmente as de “mulata”, “doméstica” e a “mãe preta”. Todos esses três contextos, assim como diversos outros que se alinham à esta perspectiva estereotipada, estão presentes nas representações criadas pelas mídias tradicionais e carregam consigo problemas que refletem negativamente no imaginário social e na realidade de mulheres negras. O que acaba por colaborar com a perpetuação de estereótipos e sentidos sumariamente prejudiciais.

Entretanto, algumas alternativas de combate a essa realidade se fazem presentes. Principalmente, devido a estrutura da linguagem e das práticas discursivas, pois fornecem diversos meios para que esses sentidos depreciativos sejam combatidos e modificados no imaginário social ao longo do tempo (SPINK; MEDRADO, 2013). O Geledés, por exemplo, coloca em pauta assuntos que relacionam as temáticas de racismo, sexismo e identidade, relevantes não só para as mulheres negras, mas para sociedade em geral. Com vistas a atingir a promoção e disseminação de sentidos que se distanciam criticamente daqueles veiculados pelas produções midiáticas tradicionais. E, assim, colaborar para a construção de diferentes concepções de identidades sociais.

## **Análise das práticas discursivas do website Geledés: características, sentidos identitários e interação do público leitor**

As práticas discursivas promovidas pelo instituto Geledés ganham força ao se interligarem com a concepção que temos de website. De acordo com Alex Primo (2008), os blogs e websites são espaços virtuais de comunicação que visam possibilitar maneiras de sociabilidade entre as pessoas. Desse modo, o blog reflete uma dinâmica social de conversação, já que – ao promover um conteúdo – fornece aos leitores a possibilidade de interação através dos comentários por exemplo. A partir dessa promoção, a organização ou pessoa que inicia esse tipo de dialogia, evidencia o caráter performativo do blog, pois ao mesmo tempo que conta uma experiência convida o público para vivenciá-la. Sendo assim, o público é incitado a participar, comentar e acrescentar novos elementos ao que foi contado e, com isso, colaborar com a criação e manutenção de determinados contextos.

Tendo em vista esta concepção de website, foi realizada a seleção de dez artigos para serem lidos como objetos empíricos desta pesquisa. Essa seleção foi embasada em torno de dois critérios centrais. O primeiro se referia ao fato de que o artigo deveria possuir uma grande repercussão, da qual fosse possível extrair elementos de análise sobre a interação do público, em especial as mulheres negras, diante do conteúdo que foi posto. Apesar da estrutura do blog oferecer espaço de interação direta entre usuários e conteúdos, a repercussão desses artigos foi medida através de uma mídia social, o *Facebook*. Pois, foi a partir dela que conseguimos visualizar elementos demonstrativos e quantitativos das interações do público como, por exemplo, o número de curtidas, comentários e compartilhamentos.

Já o segundo critério de seleção, definia que os assuntos dos artigos selecionados deveriam estar relacionados com as discussões e percepções identitárias de mulheres negras. Os artigos, bem como os comentários específicos do público leitor que foram retirados a partir do *facebook* (*locus* de quantificação da repercussão dos artigos), foram analisados com base nas discussões teóricas previamente realizadas, a fim de compreender o modo como ocorre a interação com as práticas discursivas produzidas pelo website. O somatório de artigos serviu como alicerce para a construção de uma

---

análise mais abrangente sobre os sentidos produzidos e difundidos pelo website em relação às mulheres negras.

Como efeito disso, foram realizados apontamentos e reflexões, primeiramente, sobre os títulos desses dez artigos selecionados, uma vez que eles forneceram pistas e sentidos relevantes para os objetivos desta pesquisa. São eles: 1. “A correria das mulheres negras ou quem vai dominar o mundo”, 2. “Tia Má: Mulher preta nunca é chamada de princesa”, 3. “O “não lugar da mulher negra”: do quartinho da empregada e “quase da família” a lugar nenhum”, 4. “Mulher negra na liderança: racismo impede ascensão nas empresas”, 5. “Carta às mulheres solteiras: agência, amor próprio e a solidão da mulher negra”, 6 “O sucesso de mulheres negras empreendedoras”, 7. “Minha cor chega primeiro. Reflexões sobre a experiência de ser uma mulher negra”, 8. “Ela milita pelo reconhecimento intelectual de mulheres negras no Brasil”, 9. “Poderia a história do Brasil ser contada a partir da trajetória das mulheres negras?” e 10. “Sou uma mulher negra e a minha invisibilidade é real”.

Já a partir dos títulos foi possível perceber duas perspectivas que predominam. A primeira diz respeito ao fato de trabalhar e problematizar as vivências sociais e pessoais das mulheres negras, já que estas estão atreladas ao racismo e ao machismo simultaneamente (CRENSHAW, 2003). Desse modo, os enunciados expostos demonstram, com evidência, alguns desafios que elas precisam enfrentar diariamente como, por exemplo, a “invisibilidade”, a “solidão”, a “correria” e o “não lugar”. O website, portanto, faz circular o sentido que mulheres negras são marcadas pelo machismo e racismo e, ao mesmo tempo, incentiva o processo de desconstrução dessas identidades pautadas apenas nas dores interseccionais.

Por outro lado, o website também busca apresentar um outro viés da experiência de ser uma mulher negra, uma que dialogue com o fato de que suas vivências não estão resumidas aos estigmas das suas dores interseccionais. Em outras palavras, ele promove o sentido de que mulheres negras estão ressignificando suas histórias, a partir do processo de construção de identidades. Além de promover o sentido de que existem caminhos e alternativas nas quais essas mulheres podem experienciar a “liderança”, o “amor próprio”, a “ascensão”, o “sucesso” e o “reconhecimento intelectual”, mesmo que o racismo e o machismo digam o contrário.

---

Essas duas perspectivas citadas percorrem, de certo modo, todos os elementos analíticos utilizados na abordagem metodológica das Práticas Discursivas e Produção de Sentidos (SPINK, 2010), são eles: as dinâmicas, as formas e os conteúdos. Começamos então, pela dinâmica. De acordo com Spink e Medrado (2013), esta corresponde aos enunciados orientados por vozes.

Os enunciados presentes nos artigos do instituto Geledés caminham, em sua maioria, ao encontro ao sentido de que ser uma mulher negra na sociedade brasileira é ter que enfrentar os desafios e estigmas das opressões raciais e de gênero. Mas, ao mesmo tempo, é também combater, incentivar, lutar e buscar alternativas para que sua vivência não seja resumida a isso. Para embasar esse sentido, o instituto evoca primordialmente a diversidade de vozes e experiências de mulheres negras (intelectuais, empreendedoras, domésticas, estudantes, quitandeiras e tantas outras) que ajudam na formação de uma linha argumentativa, priorizando o seu protagonismo diante das suas próprias narrativas e existências.

Entretanto, cabe pontuar, que de forma menos evidente, há também a presença das vozes de instituições sociais, como órgãos de pesquisas, das (os) autoras (es), que nem sempre são mulheres negras, e de grupos/pessoas específicas que direta ou indiretamente colaboraram para que as mulheres negras tivessem contato com algum tipo de opressão.

Como já citado nas discussões teóricas, as formas correspondem aos gêneros de falas de um texto (BAKHTIN, 2003) e o predominante no website Geledés é o jornalístico, com enfoque no aspecto interpretativo. E este se apresenta através de diversos formatos como entrevistas, reportagens, artigos opinativos, entre outros. No entanto, também há casos em que a estrutura e construção argumentativa se assemelham aos gêneros acadêmicos, pois expõe a análise sobre um assunto baseada em uma série de bibliografias oficialmente relevantes intelectualmente. Nesse sentido, observa-se que há uma incitação por parte do website em reforçar que as vivências das mulheres negras podem ser colocadas e contadas em distintos formatos. Priorizando, assim, a voz, desejo e conhecimento de cada uma.

Em consonância com o que foi exposto na dinâmica, os repertórios interpretativos (SPINK, 2013) utilizados pelo Instituto Geledés vão de encontro ao sentido de dar visibilidade às características e problemáticas das vivências e definições

---

do que é ser uma mulher negra. Dessa forma, os que aparecem nos artigos se referem predominantemente a categoria “mulher negra” e aos diferentes contextos com os quais elas se relacionam. Os principais deles são “racismo”, “família”, “amor”, “Brasil”, “história”, “invisibilidade” e “solidão”. A partir disso, é construída uma série de discussões e interpretações sobre como esses contextos se fazem presentes. Sendo assim, é posto em voga questões referentes ao mercado de trabalho, autoestima, protagonismo histórico, solidão afetiva, dificuldades psicológicas e tantas outras questões que influenciam diretamente nas concepções identitárias de mulheres negras.

De modo geral, os conteúdos do website Geledés apontam as dores interseccionais que atingem esse grupo social. É possível notar que na maioria deles alguns estereótipos são evidenciados, principalmente aqueles categorizados por Gonzales (1984). De acordo com a autora, as mulheres negras são vistas socialmente como “mulata”, devido a hiperssexualização de seu corpo, “doméstica”, por conta das explorações de trabalho as quais é submetida, e “mãe preta”, pois é vista como exemplo de amor e dedicação totais as pessoas ao seu redor, mesmo que para isso tenha que esquecer da sua própria individualidade (GONZALES, 1984). Entretanto, quando esses estereótipos são expostos no conjunto enunciativo dos artigos, a perspectiva que predomina é a de denúncia e combate dos mesmos. Pois o website enquanto uma mídia alternativa, busca proporcionar a circulação de novos sentidos frente a existência das mulheres negras.

Além disso, outra característica muito evidente nos artigos do website Geledés, é a questão da apresentação de pontos e contrapontos argumentativos diversificados. Por exemplo, no artigo intitulado “Carta às mulheres solteiras: agência, amor próprio e a solidão da mulher negra”, os enunciados apresentam estigmas diretos dos “problemas sexistas e racistas” nas relações afetivas de mulheres negras. No entanto, eles também se propõem a discutir sobre como essa temática também pode ser relacionada com repertórios que dialogam com a resistência e independência dessas mulheres. São eles: o “amor próprio”, as “escolhas”, “muita luta”, “o namoro com a vida” e “por nós mesmas”. Que apresentam uma nova proposta de narrativa, que foge de um outro estereótipo que comumente é difundido, o de que mulheres negras só ocupam lugares e perspectivas sociais subalternas.

---

Portanto, os sentidos identitários relativos às mulheres negras que circulam nas produções midiáticas do website Geledés se dedicam a contemplar as próprias vivências dessas mulheres, através da disseminação das suas vozes, escolhas, realidades e possibilidades. Desse modo, conforme explicita Silva (2000), a identidade desse grupo social - ao receber, comparar e internalizar os conteúdos presentes nessas formas de linguagem - pode ser (re)construída e definida. Pois, as concepções que temos de nós mesmos e do mundo em que vivemos estão diretamente condicionadas às práticas discursivas das quais temos acesso (SPINK, 2013).

Partindo do princípio de analisar a interação do público leitor com os conteúdos promovidos pelo website Geledés, também conseguimos observar que aquele, ao se deparar com os sentidos diretamente antiracistas e antissexistas presente nos artigos, se encontra sobre uma situação de reflexão, representação e associação com suas próprias experiências de vida ou de pessoas próximas. Mas, também direcionam os seus apontamentos e críticas para a sociedade brasileira como um todo.

Dessa forma, é comum serem utilizados enunciados e repertórios que aproximam as temáticas abordadas nos artigos com a própria vivência e percepção social que o público possui. Como, por exemplo, “*na minha infância e adolescência*”, “*meu pai sempre me disse*”, “*tenho uma amiga que passou por essa situação*”, “*vou seguir esses passos*”, “*sofri discriminação*”, “*estas histórias são a casa grande se perpetuando*”, e “*abandonadas pela pátria*”. A partir disso, podemos perceber que os artigos geram um sentimento de identificação e compartilhamento de opiniões entre os leitores, o que se interliga com o conceito de cibercultura (LÉVY, 2001), já que são transmitidos valores e modos de pensamentos no ambiente virtual sistematicamente, pois os usuários se relacionam cotidianamente com o website e seus conteúdos.

Outro aspecto importante desse processo de interanimação entre website e os seus leitores, é a exaltação que ocorre diante desses artigos. São muitos os comentários em que os repertórios “*lindo texto*”, “*parabéns*” e “*obrigada pela partilha*” se fazem presentes. Principalmente, por parte das mulheres negras, já que veem suas narrativas e experiências sendo representadas de uma forma que não as invalidam. Para ilustrar este aspecto, pontuamos o seguinte comentário: “*Obrigada, Geledés Instituto da Mulher Negra! Sempre acolhendo a nossa escrita*”.

---

Sendo assim, é notório a percepção de gratidão e pertencimento que tomam o público leitor ao entrarem em contato com os sentidos que o instituto Geledés promove. E este público não concentra essa percepção e os conteúdos entre si, pois é muito comum que as pessoas marquem umas às outras nos comentários com o intuito de indicar a leitura. Desse modo, as práticas discursivas presentes nos artigos ganham proporções de alcance ainda maiores.

Além disso, cabe pontuar também que os comentários enquanto práticas discursivas também fazem circular sentidos dos temas que foram abordados. Afinal, são enunciados interativos e geram identificação, complementação ou oposição com as opiniões que são postas. Logo, também possuem a capacidade de iniciar discussões e reflexões que podem influenciar na sociedade e em suas estruturas discursivas. Desse modo, o website Geledés é uma mídia alternativa extremamente importante para potencializar a promoção desses novos significados, afinal, conforme explicita o comentário de um leitor: é “...um dos poucos jornais, por assim dizer, que levam a sério e de forma transparente a situação da população negra.”

### **Considerações Finais**

Portanto, após toda a construção desta pesquisa, foi possível notar que o Geledés não se omite frente as dores, desafios e particularidades que o seu público principal vivência. Pelo contrário, por meio das suas práticas discursivas, ele faz emitir a voz emocional e combativa dessas mulheres, mostrando que há alternativas de resistência e de ressignificação diante da necessidade de reconstruir o “seu lugar” no mundo. Compreender as características e os sentidos promovidos por esse tipo de mídia alternativa é extremamente importante para que iniciativas assim sejam difundidas na sociedade e, a partir disso, tenham seus efeitos propagados ao ponto de aumentar o seu impacto positivo frente às identidades de mulheres negras e para a construção de uma estrutura social que não seja pautada na desigualdade.

Os objetivos propostos para esta pesquisa foram atingidos e contemplados com a metodologia que foi selecionada. Dessa forma, conseguimos perceber que os conteúdos promovidos pelo website têm como característica central a desconstrução de sentidos racistas, sexistas e estereotipados de mulheres negras (GONZALEZ, 1984) e, também, a

---

construção/ressignificação de sentidos relativos às identidades desse grupo social, fornecendo, assim, novas possibilidades de vivência. Refletir sobre isso é extremamente importante para estabelecer uma visão crítica referente ao contexto midiático. Ainda mais, quando este está atrelado ao campo de atuação dos profissionais de comunicação, sobretudo os relações-públicas, pois são responsáveis por manter um relacionamento mútuo e benéfico entre as organizações e seus públicos.

Além disso, também é importante ressaltar que essa pesquisa colabora para a perpetuação e valorização do protagonismo das mulheres negras frente às suas próprias temáticas e narrativas. Enquanto estudante de iniciação científica e também localizada com os marcadores, histórias e identificações que me definem como mulher negra, julgo essa experiência de construção analítica muito satisfatória para minha experiência pessoal e acadêmica. Termina-a tendo a certeza que colherei bons frutos e reflexões para as trajetórias que escolhi percorrer.

### Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Fabiana. **O “não lugar da mulher negra”: do quartinho da empregada e “quase da família” a lugar nenhum**. Geledés, 2020. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-nao-lugar-da-mulher-negra-do-quartinho-da-empregada-e-quase-da-familia-a-lugar-nenhum/>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

ALICE, Caroline. **A correria das mulheres negras ou quem vai dominar o mundo**. Geledés, 2019. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/a-correria-das-mulheres-negras-ou-quem-vai-dominar-o-mundo/>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

AUSTIN, John L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, Mikhail M. Gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 p.261-306.

BUTLER, J. **Actos performativos y contitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista**. In: CASE, S. E. (ed.). *Performing feminism: Feminist Critical Theory and Theatre*. Baltimore: John Hopkins University Press, 2000.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

CONRADO, Hysa. **O sucesso de mulheres negras empreendedoras**. Geledés, 2019. Disponível em:

---

<<https://www.geledes.org.br/o-sucesso-de-mulheres-negras-empendedoras/>>. Acesso em: 10 ago. 2020

MÉLLO, Ricardo P.; SILVA, Alyne A.; LIMA, Maria Lúcia C.; DI PAOLO, Angela F. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte-MG, v. 19, n.3, p.26-32, 2007.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. VV. AA. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2004.criação verbal. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FORTUNA, Maria. **Tia Má: ‘Mulher preta nunca é chamada de princesa’**. Geledés, 2020. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/tia-ma-mulher-preta-nunca-e-chamada-de-princesa/>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

GIORDANI, Rosselane Liz. As relações de poder exercidas através do discurso. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, 2011.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

KERGOAT, Daniele. Consustancialidade das relações sociais. **Novos Estudos**, n. 84, 2010, p.93-103.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. As tecnologias da inteligência, 2001.

NOGUEIRA, Carol: **Mulher negra na liderança: racismo impede ascensão nas empresas**. Geledés, 2019. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/mulher-negra-na-lideranca-racismo-impede-ascensao-nas-empresas/>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. Anais ... Brasília: UNB, 2006, CD-ROM.

PISCITELLI, Adriana. **Re-criando a categoria mulher**. Textos didáticos, n. 28, p. 7-42, nov. 2002.

PRIMO, Alex. Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, n. 36, p. 122-128, 2008.

SANTOS, Flávia M. **A invenção do saudável: práticas discursivas midiáticas sobre os corpos das mulheres**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais e da Saúde) Escola de Ciências Sociais e da Saúde - Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2019.

---

SANTOS, Laiela. **Sou uma mulher negra e a minha invisibilidade é real**. Geledés, 2020. Disponível em:  
<<https://www.geledes.org.br/sou-uma-mulher-negra-e-a-minha-invisibilidade-e-real/>>.  
Acesso em: 10 ago. 2020.

SANTOS, Taina A. M. **Carta às mulheres solteiras: agência, amor próprio e a solidão da mulher negra**. Geledés, 2020. Disponível em:  
<<https://www.geledes.org.br/carta-as-mulheres-solteiras-agencia-amor-proprio-e-a-solidao-da-mulher-negra/>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

\_\_\_\_\_. **Poderia a história do Brasil ser contada a partir da trajetória das mulheres negras?**. Geledés, 2020. Disponível em:  
<<https://www.geledes.org.br/poderia-a-historia-do-brasil-ser-contada-a-partir-da-trajetoria-das-mulheres-negras/>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

SILVA, Fabiola C. I. **Minha cor chega primeiro. Reflexões sobre a experiência de ser uma mulher negra**. Geledés, 2019. Disponível em:  
<<https://www.geledes.org.br/minha-cor-chega-primeiro-reflexoes-sobre-a-experiencia-de-ser-uma-mulher-negra/>>. Acesso em: 10 ago 2020.

SILVA, Tomaz T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SPINK, Mary J. **A linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: BVCE, 2010.

\_\_\_\_\_; MEDRADO. Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano. In: SPINK, Mary. **A linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: BVCE, 2013. p. 1-21.

TESTONI, MARCELO. **Ela milita pelo reconhecimento intelectual de mulheres negras no Brasil**. Geledés, 2019. Disponível em:  
<<https://www.geledes.org.br/ela-milita-pelo-reconhecimento-intelectual-de-mulheres-negras-no-brasil/>>. Acesso em: 10 ago. 2020.